

Nilson Thomé

Professor na Universidade do Contestado (UnC).
Mestre em Educação. Sub-Coordenador do GT HISTEDBR–Contestado–UnC.
Doutorando em História da Educação na Faculdade de Educação da Unicamp.

Escotismo em Caçador (SC)

Uma instituição extra-escolar prejudicada
pelo nazismo, fascismo, integralismo
e nacionalismo

Este estudo é pioneiro no âmbito do Movimento Escoteiro no estado de Santa Catarina, e foi elaborado para proporcionar um início à história dos



grupos que surgiram no século XX, a maioria junto aos estabelecimentos de ensino, para proporcionar educação moral, cívica e física à mocidade, como o que foi verificado na cidade de Caçador por três oportunidades, as duas primeiras sacrificadas pela repressão ao nazismo, ao fascismo, ao integralismo e pelo excesso de nacionalismo.

Palavras-chave: instituições escolares, escotismo, Caçador, história.

This study is pioneering in the scope of the Scouting Movement in the State of Santa Catarina, and was elaborated to provide a beginning to History of the

groups that had appeared in century XX, the together majority to the educational establishments, to provide moral, civic and physical education to the youth, as what it was verified in the city of Caçador for three chances, the two first ones sacrificed for the repression to nazism, fascism, the integralismo and for the nationalism excess.

Keywords: school institutions, scouting for boys, Caçador, history.

Este ensaio aborda o Movimento Escoteiro na cidade de Caçador, pólo microrregional do Contestado, aqui categorizado como instituição extra-escolar, em três momentos distintos, ou seja, envolvendo três organizações diferentes, nascidas em tempos distintos, das quais as duas primeiras foram alvo de diferentes formas de repressão.

O tema é relevante neste momento de resgate de fontes para a construção da história da educação brasileira, no enfoque das instituições escolares, quando se voltam as atenções também para as organizações extra-escolares, pelo seu papel de contribuição à educação da juventude brasileira.

O primeiro grupo, que não existe mais,

surgiu no ano de 1931, por iniciativa do casal Dante e Albina Mosconi, imigrantes italianos, educadores que instituíram na cidade de Caçador o primeiro estabelecimento de ensino secundário do interior do estado de Santa Catarina. O segundo – que também não existe mais – surgiu pouco depois da decretação do Estado Novo, por inspiração de políticos, autoridades e militares, em 1939. O terceiro – em plena atividade – teve origem no interior do Colégio Aurora, em 1960, por iniciativa da congregação religiosa dos Irmãos Maristas, que assumiu o educandário do casal Mosconi. Ambos nasceram para proporcionar formas alternativas de educação à juventude caçadorenses, com maior valorização às questões ligadas à cidadania, à observação da natureza, ao respeito aos princípios de moral e cívica, e à formação do caráter.

No Brasil, a instituição do escotismo, tida como extra-escolar (paraescolar), pela sua natureza, enquadra-se historicamente entre as instituições escolares destinadas a complementar a educação formal nos estabelecimentos de ensino, e esteve muito em voga no Brasil após o Estado Novo de 1937, com ênfase após a Redemocratização de 1946. Suas atividades abrangiam clubes agrícolas, pelotões de saúde, jornais, murais, ligas de bondade, ligas pró-língua nacional, bibliotecas, círculos de pais e professores, associações de pais e ex-alunos, clubes de leitura, varais literários, grêmios estudantis etc. Assim, o escotismo é reco-

nhecido no país como uma instituição extra-escolar. No prefácio do livro *Educação moral e cívica*, destinado aos alunos do então 1º grau, a autora, Lourdes Lucia de Bortoli Groth, escreve:

A você, estudante: (...). Você estudará moral e civismo de uma forma diferente e agradável, através de métodos modernos. Para acompanhá-lo em seu curso escolhemos os escoteiros, pois eles agem sempre com total respeito à moral e ao civismo. Além disso, o escotismo é reconhecido por decreto federal como uma instituição de educação extra-escolar.¹

Para compor este trabalho, elegemos apenas os principais marcos evolutivos e caracterizadores do Movimento Escoteiro, sabendo que há campo para se escrever muito mais sobre ele. Dessa forma, consideramos este artigo uma singela contribuição aos trabalhos de resgate da memória histórica da juventude estudantil caçadorenses e do Contestado, especificamente na área da educação.

ESCOTISMO E HISTÓRIA

Presente em Caçador no ano de 2005 com o Grupo Escoteiro Pindorama,² o escotismo é uma organização mundial de voluntariado, de educação extra-escolar voltada para jovens, com a colaboração espontânea de adultos, sem vínculos político-partidários, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os prin-

cípios e o método escoteiro concebidos pelo seu fundador, o general inglês Baden Powell.

Escotismo: (...) O escotismo é, essencialmente, método educacional e forma de vida. (...). Após quase sessenta anos de vida, com milhões de adeptos em todo o mundo, o escotismo continua em plena expansão, apesar das duas guerras mundiais e da violenta hostilidade que sofreu dos governos totalitários. Seu valor educativo, demonstrado nestes decênios, estriba-se essencialmente no seu realismo sadio, tomando o menino e o rapaz, tais quais eles são e no seu idealismo sincero, apresentando como metas o domínio de si mesmo e a dedicação aos outros, através de uma vida simples e plena de contato com a natureza.³

O propósito do Movimento Escoteiro em nível mundial é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, “ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu projeto educativo”.⁴ Internacionalmente, o conceito de escotismo expressa que

é um movimento educacional para jovens, sem fins lucrativos, com a participação de adultos voluntários. Fundado pelo militar inglês Baden Powell

em 1907, e praticado por milhares de jovens por todo o mundo. Busca o desenvolvimento físico, mental, social, espiritual, de caráter e afetivo dos seus participantes através de um sistema de educação informal, baseado em atividades práticas (o chamado aprender fazendo) e na vida mateira. É organizado internacionalmente pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME). Apesar de se assumir como um movimento sem vínculos político-religiosos, existem grupos vocacionados para determinadas confissões religiosas.⁵

A organização, que complementa a função da família, da escola e da religião, desenvolvendo para o jovem o caráter, a personalidade e a boa cidadania, modernamente enquadrada no chamado “terceiro setor” da sociedade, objetiva desenvolver um comportamento baseado em valores éticos, por meio da vida em equipe, do espírito comunitário, da liberdade responsável e do estímulo ao aprimoramento da personalidade, quer no campo individual, quer no campo coletivo.

Conta-se que tudo começou durante a Guerra do Transval, em 1899. Baden Powell comandava a guarnição do entroncamento ferroviário de Mafeking, cuja posse era de grande valor estratégico. A cidade foi durante meses vítima de ataques de forças inimigas muito superiores, e só se manteve graças à inteligência e coragem de seu comandante, cujas ati-

tudes inspiravam a atuação de seus comandados. Como dispunha de poucos soldados, ele treinou todos os homens válidos da cidade para usá-los como combatentes e para os serviços auxiliares, primeiros socorros, comunicação, cozinha etc., organizando um corpo de cadetes com adolescentes na cidade. As maneiras como os jovens desempenhavam suas tarefas, seus exemplos de educação, lealdade, coragem e responsabilidade, causaram grande impressão em Baden Powell e, anos mais tarde, este acontecimento teria grande influência na criação do escotismo.

Promovido ao posto de major-general, Baden Powell tornou-se muito popular aos olhos de seus compatriotas e lançou um livro, dirigido para militares, chamado *Aids to scouting* (Subsídios para reconhecimento). Em 1907, com um grupo de vinte rapazes de 12 a 16 anos, Baden Powell foi para a ilha de Brownsea, para realizar o primeiro acampamento escoteiro, ensinando-lhes, na ocasião, atividades importantes como: primeiros socorros, observação, técnicas de segurança para a vida na cidade e na floresta etc. O sucesso do livro, não só diante do público militar, mas também frente ao público jovem,⁶ o incentivou a reescrever uma versão especialmente para rapazes. Em 1908, escreveu o seu manual de adestramento, o *Escotismo para rapazes*, em capítulos quinzenais que, inicialmente, foi publicado em fascículos e vendidos nas bancas de revistas e jornais. Os jovens ingleses se entusias-

maram tanto com o livro que ele resolveu organizar e fundar o Movimento Escoteiro.

Em seguida, em 1910, Baden Powell compreendeu que o escotismo seria a obra que ele dedicaria a sua vida, e para tanto se afastou do Exército, dedicando-se apenas ao Movimento, que, rapidamente, se espalhou por vários países do mundo. Dois anos depois, 123 mil escoteiros estavam espalhados pelas nações que faziam parte do império britânico. Com isso, a Coroa inglesa reconheceu a utilidade da organização, que prestava relevantes serviços ao país, colaborando nos esforços de mobilização e assistência em conflitos.

O ESCOTISMO NO BRASIL

Em 1907, ano que o Movimento Escoteiro (*Scouting for Boys*) havia sido fundado, vários oficiais e praças da Marinha brasileira estavam na Inglaterra e se impressionaram com esse novo método de educação complementar que Baden Powell havia idealizado. Entre eles estava o sub-oficial Amélio Azevedo Marques que inscreveu seu filho, Aurélio, em um grupo escoteiro local, o qual tornou-se o primeiro escoteiro brasileiro, ainda que fora do país.

O escotismo foi introduzido no Brasil em 1908, por intermédio desses marinheiros e oficiais de nossa Marinha, que trouxeram consigo uniformes escoteiros e o interesse de semear o movimento no Bra-

sil. No dia 14 de junho de 1910, foi oficialmente fundado, no Rio de Janeiro, o Centro de *Boys Scouts* do Brasil. A partir de 1914, surgiram em outras cidades vários núcleos, dos quais o mais importante foi a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), em São Paulo. A ABE espalhou o movimento escoteiro por todo o país e, em 1915, já contava com representações na maioria dos estados brasileiros. Nesse mesmo ano, uma proposta para reconhecer o escotismo como de utilidade pública resultou no decreto nº 3.297 do Poder Legislativo, sancionado pelo presidente Wenceslau Braz em 11 de junho de 1917. Seu art. 1º estabelecia: “São considerados de utilidade pública, para todos os efeitos, as associações brasileiras de escoteiros com sede no país”.

O Movimento só ganhou amplitude nacional com a fundação da União dos Escoteiros do Brasil (UEB), em 1924, que começou o processo de unificação dos diversos grupos e núcleos escoteiros dispersos no país. O escotismo é praticado no Brasil por pessoas físicas ou jurídicas autorizadas pela UEB,⁷ como assegura a legislação, expressa no decreto nº 5.497, de 23 de julho de 1928, e no decreto-lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1946. Desde sua fundação, a UEB é titular do registro internacional junto à Organização Mundial do Movimento Escoteiro – World Organization of the Scout Movement (WOSM) –, possuindo exclusividade para implementação, coordenação e prática do escotismo no Brasil.

O ESCOTISMO EM CAÇADOR

Três são os grupos escoteiros referenciados neste artigo, cada qual com sua própria história. Aqui veremos os dois primeiros.

O primeiro grupo

Existe nas referências históricas do “velho” Ginásio Aurora um vago registro de que, no ano de 1931, o terceiro-sargento do Exército Milton Moresqui criou o primeiro grupo de escoteiros junto ao estabelecimento. Ele era seu professor de educação física e instrutor da Escola de Instrução Militar nº 354 (depois Tiro de Guerra nº 568, mais tarde nº 172 e, hoje, Tiro de Guerra 005-006), que funcionava no mesmo prédio. O pequeno grupo de escoteiros – dois dos quais identificamos como tendo sido Domingos Paganelli e Laurindo Faoro⁸ – contou com a liderança da sra. Albina Mosconi, esposa do sr. Dante Mosconi, fundadores do Ginásio Aurora⁹ em 1928. Entretanto, o grupo não foi registrado oficialmente e essa iniciativa não teve prosseguimento mais alongado no tempo, paralisando anos depois.

Segundo Domingos Paganelli,¹⁰ o grupo nasceu para complementar a educação dos meninos no Ginásio Aurora, e praticamente todas as crianças eram, paralelamente, alunas e escoteiras. “Até o uniforme era o mesmo”, explica ele, também lembrando que, logo depois, “veio a ser muito forte a influência do integralismo no Ginásio Aurora, onde

quase todos os professores eram integralistas 'de carteirinha', pregando com muita ênfase as idéias de Plínio Salgado em sala de aula e nas atividades de escotismo, isso até por volta da segunda metade dos anos trinta”.

Em 1938, diante do desencadeamento da “Campanha da Nacionalização” no governo Vargas, atingindo indistintamente todos os estrangeiros, agora considerados “inimigos do país”, sobretudo italianos e alemães, Dante Mosconi vendeu o Ginásio Aurora para a Congregação dos Irmãos Maristas, que chegaram em Caçador e assumiram o estabelecimento no início de 1939.

O segundo grupo

E foi em seguida que outro movimento escoteiro no município de Caçador nasceu nesse ano de 1939, não mais no interior do Ginásio Aurora, mas, dessa vez, por iniciativa da sociedade civil, liderada pelo jornalista Cid Gonzaga, depois de transferir residência de Porto União para Caçador e ter lançado o seu jornal *A Imprensa*, este também de lá transferido. O jornal era semanário e já estava no quinto mês de funcionamento, quando estampou em primeira página a seguinte informação: “Caçador terá escoteiros. Anexo aos escoteiros virão as jovens bandeirantes. Será instrutor da tropa o Tte.



Dois escoteiros (o da direita é Luiz Paganelli) da Tropa Marechal Guilherme, de Caçador (SC), em frente ao Museu Ipiranga, em São Paulo, em janeiro de 1940 (foto do arquivo do autor)

Eloy Mendes. Podemos garantir aos pequenos cidadãos de Caçador e seus respectivos pais que em breve será criado nesta cidade um batalhão de escoteiros”.¹¹

Eloy Mendes era primeiro-tenente da Força Pública de Santa Catarina e delegado especial de Polícia de Caçador. Na seqüência, em 9 de julho de 1939, o jornal estampou novo anúncio: “Aos jovens de Caçador de 10 a 17 anos de idade fazemos ciente que na Redação d’A Imprensa está aberta a inscrição para a formação do grupo local de escoteiros”. Aqui, o registro da investidura do primeiro grupo,¹² no dia 25 de agosto do mesmo ano:

Teve invulgar solenidade este ano o Dia do Soldado. O Tiro de Guerra 568 anexo ao Ginásio Aurora jurou bandeira. À direita do batalhão ginásial formou o grupo de escoteiros, que também jurou bandeira neste dia. Às 4 horas, o chefe Cid, a convite do sargento Siqueira, deferiu o juramento a 26 escoteiros aí formados de frente do pavilhão da pátria, acompanhado da sua guarda.¹³

Ainda segundo *A Imprensa*, na sua edição de 16 de setembro de 1939, o médico dr. Campelo de Araújo (que realizou os exames médicos) e o tabelião local sr. Manoel Siqueira Belo ofereceram um pavilhão nacional para ser hasteado na Caserna, a qual passou a ter, no seu pórtico, a legenda “Aqui se agrupam as esperanças da pátria”.

No dia 16 de outubro de 1939, o grupo recebeu o registro nº 53 na Federação, com o nome oficial de Tropa Marechal Guilherme Xavier de Souza. A denominação homenageou esta personalidade brasileira que alcançou a patente de marechal-de-campo e foi presidente da província do Rio Grande do Sul, de 14 de julho a 1º de agosto de 1868, dois anos antes de seu falecimento. Conhecido como marechal Guilherme,¹⁴ ele foi substituto interino do marquês de Caxias no comando do Exército na Guerra do Paraguai, depois que Caxias entrou em Assunção e retornou ao Brasil e foi elevado a duque. Nesse período, também foi organizado o primeiro grupo de Bandeirantes,¹⁵ sendo eleita sua diretoria. Na seqüência, já em janeiro de 1940, foi oficialmente organizada a Associação de Bandeirantes Delminda Silveira,¹⁶ sendo nomeada chefe a srta. Nayá Gonzaga, filha do jornalista Cid Gonzaga.

De 22 de janeiro a 2 de fevereiro de 1940, sob o comando do chefe Arthur Schneider, a Tropa Marechal Guilherme esteve em São Paulo, participando de grande acampamento nacional “AJURI”, representando a Federação de Escoteiros do Paraná e Santa Catarina. Lá, inclusive, foi visitada pelo governador Ademar de Barros.

Nesse tempo, diversos estrangeiros – alemães e italianos –, além de sofrerem outros tipos de constrangimentos físicos e morais, foram detidos na cadeia pública de Caçador e, humilhados, foram sub-

metidos a trabalhos forçados como “calceteiros”, para revestir com paralelepípedos algumas ruas da cidade, e como “garis”, para a limpeza e coleta de lixo em outras ruas. A partir de maio de 1940, não há mais notícias das corporações de escoteiros e de bandeirantes. Os agrupamentos teriam se dissolvido logo em seguida à partida de Caçador do chefe Clemenceau Amaral, que havia sido transferido.

ESCOTISMO X JUVENTUDE HITLERISTA

Estamos propensos a crer que o Movimento Escoteiro foi duramente prejudicado no Brasil logo após a decretação do Estado Novo, a 10 de novembro de 1937, e, com mais intensidade, com as campanhas de nacionalização do ensino, empreendidas pela ditadura na nação e pelos interventores estaduais, entre 1939 a 1943, atingido pelas muitas similaridades do escotismo com o movimento da Juventude Hitlerista (*Hitlerjugend*) no Brasil.¹⁷ Em 1938, foram vedadas aos estrangeiros as práticas e atividades políticas no Brasil, com o que as organizações teuto-brasileiras passaram a atuar na clandestinidade. Justamente por ser uma organização similar, as autoridades da segurança nacional teriam desestimulado o Movimento Escoteiro nos moldes em que vinha acontecendo.

Em documento datado de 29 de novembro de 1937 (menos de vinte dias após a decretação do Estado Novo por Getúlio

Vargas), em Porto Alegre, membros da então já camuflada “Juventude Hitlerista no Brasil”, sob a sigla UdJTB, publicaram um manifesto intitulado *Objetivos e obra da União da Juventude Teuto-Brasileira*, documento que sugere a aproximação entre a JH e os escoteiros. Vejamos:

Acampamentos, raids, atletismo, educação teórica em reuniões semanais, cultivo de música e cantos em geral, como a arte de ofícios, são os meios eficazes desta educação. Os acampamentos e raids nos fazem conhecer a grandeza do Brasil, a sua magnífica natureza, nos levam ao interior para travar relações com a população dos campos, da colônia e conhecer seus costumes. O atletismo torna a juventude robusta e sadia, preparada para a luta das armas e da vida. (...).

A Juventude Teuto-Brasileira está organizada em quatro regiões: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. As corporações locais são divididas em grupos pequenos de 10 a 12 jovens, masculinos ou femininos, nas idades de 8 a 14 e de 15 a 20 anos. (...).

A UdJTB é uma agremiação puramente brasileira. Não tem ligações com quaisquer grupos políticos ou sociedades e especialmente não é ligada a organizações alemãs. Como mantemos relações muito amistosas com os “Escoteiros do Mar”, também as mantemos com outras agremiações

de juventude, entre outras com os escoteiros da Argentina, do Uruguai e da Alemanha. Temos aproveitado algumas experiências destas corporações, mas nunca tentamos implantar em nossa estrutura coisas estranhas ao ambiente de nossa Pátria.¹⁸

Na repressão policial aos nazistas, a 8 de maio de 1939, o jovem Armínio Hufnagel, de 23 anos, residente em Porto Alegre, um dos chefes da Juventude Hitlerista no Brasil, foi detido pela polícia do DOPS, quando, interrogado sobre seu envolvimento, entre outras respostas, declarou:

(...) a contar do ano de 1932, o declarante era apenas sócio ativo, gozando de todos os direitos que lhe eram concedidos pelos regulamentos e participando de todas as reuniões, festas e acampamentos realizados pela referida "União da Juventude", que, em junho de 1935, o declarante fez parte de um grupo de escoteiros, membros da "Juventude Teuto-Brasileira" e em número de quinze rapazes, todos chefiados pelo dr. Hans Neubert, para o fim de empreenderem uma viagem à Alemanha, atendendo a um convite do chefe da "Juventude Hitlerista" (...).

(...) que, chegados à cidade de Berlim, foram logo encaminhados para um grande acampamento de barracas, onde permaneceram pelo espaço de quatorze dias, recebendo

as mais variadas instruções militares; que o número de escoteiros presentes em tal acampamento atingia a dois mil e quinhentos mais ou menos (...).¹⁹

Já em 3 de outubro de 1939, o mesmo Armínio Hufnagel, novamente interrogado por policiais do DPS/RS, apresentou vínculos mais estreitos entre escoteiros e jovens hitleristas, constando em seu depoimento que:

Veio a residir em Porto Alegre no ano de 1932, procurando imediatamente contato com escoteiros e indo enfileirar-se na "Deutsch Jungenschaft", um departamento de escoteiros do Turnerbund; que em fins do ano de 1933 surgiu em Porto Alegre uma nova organização, que se denominava "Deutsche Jungenschaft" (...); que a nova organização se distinguiu muito das associações congêneres daquela época, porque pregava sobretudo a conservação da raça e do sangue germânico e manutenção estrita da língua e dos costumes dos antepassados; que esta nova organização juvenil não era outra coisa que um reflexo do desenvolvimento do Partido Nacional-Socialista, que naquela época estava se instalando na Alemanha e por todo o mundo afora; (...) que devido à grande influência que Erwin Wener Becker exercia sobre os escoteiros de seu grupo, conseguiu arrastar para a "Deutsche

Jungenschaft” mais ou menos quarenta escoteiros pertencentes ao Departamento de Turnerbund, resultando o fechamento deste departamento por falta de membros.²⁰

Um dos congressos internacionais de jovens nazistas, conhecidos como Congresso da Juventude Hitlerista, aconteceu em Nürenberg, em setembro de 1937, com o grupo brasileiro sendo prestigiado pelo dr. Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler, que os recebeu em audiência. Houve três excursões do gênero à Alemanha até fins de 1939. Os principais representantes da Juventude Hitlerista no Brasil, que para lá iam a convite, com todas as despesas pagas pelo governo alemão,²¹ recebiam um curso para chefes, na Alemanha, com ensinamentos que deveriam repassar para chefes-instrutores de grupos no Brasil.

Durante a repressão ao nazismo em Santa Catarina, verificou-se que o Partido Nazista havia determinado que, já a partir de 1935, a Juventude Hitlerista e a Agremiação de Moços Alemães deveriam constituir uma organização única, sob a denominação *Deutsch-Brasilianscher Jugendring – DBJ* (Círculo Juvenil Teuto-Brasileiro). As autoridades policiais do DOPS/SC observaram que

{...} em dias de festas comemorativas de datas alemãs, espetáculos contristadores, diante das fanfarro-nadas e passeatas caracteristicamente militares, realizadas pelos nazis-

tas fardados, ostentando bandeiras e flâmulas com a cruz suástica, puxadas a rigor pelas suas bandas de cornetas e tambores, sendo que, em via de regra, nestas demonstrações de desrespeito à nossa soberania, desfilavam centenas de crianças brasileiras de sangue germânico, pertencentes à Juventude Teuto-Brasileira.²²

ESCOTISMO X JUVENTUDE INTEGRALISTA

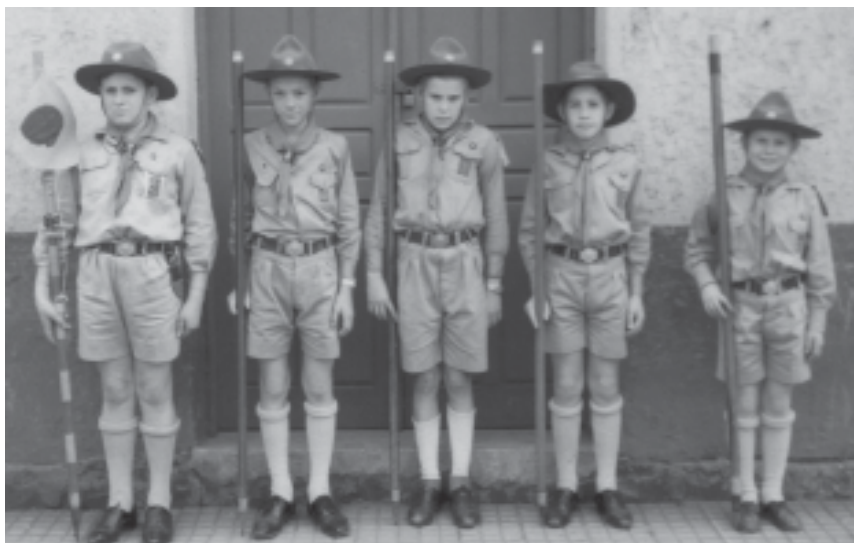
Outro fenômeno que parece ter prejudicado o Movimento Escoteiro foi o do integralismo, uma organização do tipo fascista, inspirada nos moldes italianos e oficializada no Brasil em 1932 com a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por intelectuais antiliberais. Expandiu-se por todo o país, chegando em 1936 a contar com 800 mil filiados. O movimento era ultraconservador, nacionalista e de cunho anticomunista. Sob a liderança maior de Plínio Salgado, com o lema “Deus, Pátria e Família”, configurou-se como positivista e de extrema-direita, apoiado por importantes segmentos da Igreja Católica e do Exército brasileiro. O integralismo criou suas milícias, organizações paramilitares e de controle ideológico, cujos membros uniformizados eram conhecidos como “camisas-verdes”. O movimento atuou também junto à mocidade brasileira na organização, formação e apoio a grupos de escoteiros e de bandeirantes, como instrumento para a criação de uma nova cultura nacional.²³

A hierarquia atingia também a Juventude Integralista, conhecida como “plinianos”. As crianças eram iniciadas e formadas no movimento dos 4 aos 15 anos, com os infantes, os curupiras, os vanguardeiros e os pioneiros. Deviam obediência aos seus superiores em linha rígida e autoritária. Ao completarem 16 anos, todos se inscreviam nas forças integralistas: milícia, decúria, terço, bandeira ou legião. Com a energia da pregação dos seus líderes, não recuavam perante a violência, cabendo salientar que as mulheres também eram aceitas nas organizações do movimento.²⁴

Após a Intentona Comunista de 1935, os integralistas ampliaram o apoio ao governo de Getúlio Vargas. Este, demonstrando ao público estar ameaçado por um suposto avanço dos comunistas, aplicou o golpe de Estado de 10 de novembro de

1937, decretando o Estado Novo, e atingindo também os integralistas. Foi iniciada uma campanha pública contra o integralismo, que culminou, em 2 de dezembro, com a proibição de funcionamento de partidos políticos e o desencadeamento de ação policial contra as sedes da AIB no país. Os integralistas burgueses reagiram, mas já em março de 1938 foram alcançados pela forte e violenta repressão. O integralismo foi fortemente identificado com o fascismo e, no Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, foi acusado de ter se aliado ao nazismo, servindo de disfarce para a expansão deste outro fenômeno.

Na Juventude Integralista, os chamados “plinianos” passavam por um processo de socialização ideológica, abrangendo a totalidade de suas atividades, graças a uma formação dirigida e autoritária, que



Primeiros noviços da Patrulha do Leão, do Grupo Escoteiro Pindorama, de Caçador (SC), em frente ao Colégio Aurora, em fevereiro de 1961 (foto do arquivo do autor)

visava desenvolver a personalidade e o sentimento cívico, e estimular a educação física e intelectual. Essa organização de juventude era muito semelhante à congênere do Partido Nacional Fascista Italiano. Através da instrução, o departamento dos “plinianos” brasileiros pretendia

desenvolver entre os jovens e as crianças integralistas o sentimento de civismo, aprimorando-lhes o caráter, promover o seu desenvolvimento físico, pela prática de jogos desportivos, excursões e passeios, e o desenvolvimento intelectual, moral e profissional, ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da instrução primária e da educação moral e profissional, fazendo da menina uma futura mãe de família, consciente da sua nobre função de preparar a criança, formando-lhes o caráter, dar-lhe energia e nobreza de sentimento.²⁵

O departamento dos plinianos, dentro da estrutura hierárquica da Ação Integralista Brasileira, dividia-se em “direções” e “grupos” com a mocidade sendo atendida por “divisões”: “A *Divisão de Escotismo* compreendia uma seção *Técnica* e uma seção de *Serviço*. A primeira abrangia os serviços de organizações, operações e instrução; e a segunda compreendia os de intendência, saúde e disciplina e justiça”.²⁶ Segundo Trindade, a Divisão de Escotismo compreendia

instrução paramilitar, com uma seção técnica para elaboração dos planos de operações e um acampamento-escola com o objetivo de ensinar como se tornar chefe (...). Os meninos e as meninas devem usar uniforme (camisa verde, calça branca ou azul, sapatos pretos, casquete negro ou chapéus de escoteiro) e um equipamento para acampamento da tropa.²⁷

Ainda segundo Trindade:

De 4 a 8 anos, os jovens italianos fazem parte do grupo “Filhos da Loba” (criado em 1931). Aos 8 anos, começam as coisas sérias. O menino ingressam nos “Balilla” e recebem uniforme, armas fictícias, participam em desfiles e paradas, para dar-lhes o gosto pela vida em comum e pela atividade militar. Durante este tempo as meninas recebem uma formação física e cívica no grupo das “Pequenas Italianas”. A partir dos 14 anos, os meninos tornam-se “Avanguardisti”, as meninas “Jovens Italianas”, isto até a idade de 18 anos, quando todos são integrados nas juventudes fascistas.²⁸

No caso específico de Caçador, o primeiro grupo escoteiro, formado na primeira metade da década de 1930, no interior do Ginásio Aurora, sofreu forte influência do integralismo e por causa da repressão – no início do Estado Novo – tanto seu diretor, o italiano Dante Mosconi, foi proibido de exercer a titularidade e o magistério, como os professores identifi-

cados com o integralismo foram afastados das funções. O grupo que surgiu depois, fora do quadro do Ginásio Aurora, sofreria por extensão o revés aplicado pela ditadura Vargas aos seus inimigos, sendo incorporado a outro movimento, oficioso e de cunho fascista, o da Juventude Brasileira.

Para o comando da 5ª Região Militar, que englobava o Paraná e Santa Catarina, as escolas eram focos de orientação da doutrina nazista no Brasil. Tinha-se que o projeto germânico obtinha sucesso nas zonas de colonização alemã, usando como evidência a existência de associações esportivas, culturais, recreativas e de classe, além de escolas e de uma vida nitidamente germânica, frutos da propaganda alemã expansionista e da busca de perpetuação da cultura por meio do ensino da língua materna.

Tratava-se, segundo Góis Monteiro, de uma pátria alemã em território brasileiro. Como a construção de uma pátria engloba múltiplos aspectos da vida coletiva, Góis Monteiro vai enumerar uma série de providências sugeridas pelo comando da 5ª Região Militar, envolvendo a ação e atuação dos ministérios da Guerra, da Educação, da Justiça e do Trabalho. O Ministério da Guerra deveria desenvolver núcleos de escoteiros, transformando os existentes e criando novos com a assistência de oficiais e sargentos capazes de imprimir um cunho verdadeiramente nacionalista

a essas organizações. Deveria ainda criar uma estratégia para “penetrar” nas associações esportivas, dando-lhes instrutores e forçando a abertura dos quadros sociais a todos os brasileiros, impedindo, dessa forma, a existência de entidades privativas estrangeiras. Sugere ainda a transferência ou criação de unidades do Exército nas zonas de maior influência estrangeira e, finalmente, uma investida para forçar a aprendizagem da nossa língua nos quartéis, só fazendo a desincorporação para aqueles que falassem e escrevessem o português com relativa facilidade.²⁹

Nem todos os grupos e nem todos os escoteiros gaúchos e catarinenses tinham simpatia ou vínculos com as organizações fascistas, nazistas ou integralistas daquele tempo. Mesmo assim, as medidas arbitrárias de repressão parecem ter alcançado diretamente todos os corpos,³⁰ em maior ou menor grau colocando-os na inatividade, ainda que temporariamente.

ESCOTISMO E JUVENTUDE BRASILEIRA

A ditadura Vargas respondeu à infiltração nazista e ao integralismo com uma intervenção na formação da juventude. Por idealização do ministro da Educação Gustavo Capanema, o Estado Novo produziu um outro fenômeno no Brasil: a instituição da denominada Organização Nacional da Juventude, que seria orientada pelo Ministério da Guerra, depois

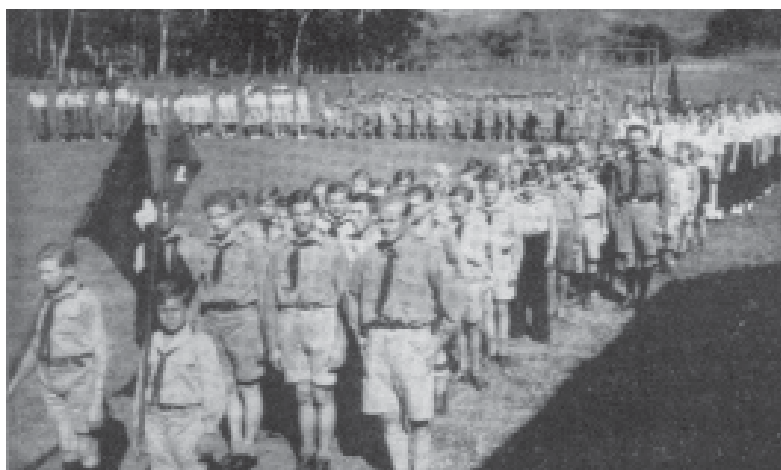
denominada Juventude Brasileira, sob orientação do Ministério da Educação. A história registra que o ano de 1938 no Brasil foi especialmente fértil em medidas legais e projetos identificados com a construção do nacionalismo brasileiro. Alguns desses projetos e medidas revelam o conteúdo doutrinário e político do projeto nacionalista que se criava.

Falar dessas medidas e projetos é relembrar o contexto da época. Foi nesse ano que a investida integralista chegou ao seu apogeu e, simultaneamente, ao início de sua queda, por ação repressiva do Estado. Foi nesse ano que se formulou o projeto de Organização Nacional da Juventude, em moldes fascistas e mobilizantes na sua concepção, evoluindo para uma experiência cívica sem maiores expressões, por intervenção de setores do Exército. Foi também em 1938 que a campanha de nacionalização do ensino chegou ao seu clí-

max, com a formulação e promulgação de um número substancial de decretos-leis destinados essencialmente a deter a experiência educacional dos núcleos estrangeiros nas zonas de colonização.³¹

A Organização foi criada pelo decreto-lei nº 2.072, de 8 de março de 1940, destinada a ministrar educação moral, cívica e física à infância e à juventude, e veio a incorporar o Movimento Escoteiro até meados de 1945, como explica Íris Barbieri:

Desde a sua instituição até a sua extinção, percebe-se, através dos textos legais, a redução de seus objetivos. O processo de redução se deu pela maior ênfase que se destinou ao civismo, entendido como “consciência patriótica” em prejuízo da educação moral como “elevação espiritual da personalidade” e da educação física. Esse fenômeno, mais a incorporação da União dos Escoteiros do



A Juventude Hitlerista desfilando num campo de esportes em uma cidade do interior catarinense. Foto de autor desconhecido, apreendida pelo DOPS/SC, com data provável de 1937

Brasil à Juventude Brasileira, logo no início de sua instituição (decreto-lei 2.310, de 14 de junho de 1940) para se eliminar um poderoso concorrente e o sistema de controle estabelecido por uma burocracia de comando em linha, com origem no próprio presidente da República e participação dos ministérios da Educação, Guerra e Marinha, inequivocamente informam uma intenção do governo federal em interferir diretamente na formação da personalidade básica do brasileiro, dotando-o de aspirações e ideais que apenas consultavam aos interesses da Pátria, o que era comum nos anos de guerra que então se vivia. Tratava-se, enfim, de mobilizar toda a vontade popular aos desígnios patrióticos. Não era outro o motivo que levava os alunos, diariamente, a recitar a "Oração à Pátria". Contudo, em que pese todas essas providências, a Juventude Brasileira não conseguiu se realizar senão em dimensões muito pequenas. O Escotismo, bem disseminado pelas escolas brasileiras, foi um dos obstáculos que se antepôs à sua plena realização.³²

Caçador, que, a exemplo de outras cidades da região, sediou uma corporação integralista, aqui conhecida como anticomunista e nazi-fascista, testemunha isso. Nas instruções oficiais da Inspeção de Ensino do Estado observa-se que não há menção alguma a incentivos à formação de novos grupos de escoteiros

junto aos estabelecimentos de ensino, como se verificava antes. Nas fotos que registraram a realização das campanhas patrióticas de arrecadações, como a "da borracha" (coleta de pneus velhos), por exemplo, em Caçador, em 1942, não mais se vêem os escoteiros ao lado dos escolares: o que existia, então, brilhando nas fotos, era a Juventude Brasileira.

Em 1942, as finalidades da Juventude Brasileira são restringidas ao culto à Pátria, e os estabelecimentos de ensino são orientados a disporem de "centros cívicos". A chamada "Reforma Capanema", de 9 de abril de 1942 (decreto-lei nº 4.244), foi a tentativa governamental de inserir no ensino secundário³³ este mecanismo fundamentado numa ideologia política definida com conotações de patriotismo e nacionalismo, de caráter fascista, como menciona Otaíza Romanelli:

Queremos referir-nos à presença do dispositivo que instituiu a educação militar para os alunos do sexo masculino *nos estabelecimentos de ensino secundário*, com diretrizes pedagógicas fixadas pelo Ministério da Guerra (art. 20). Este dispositivo, reforçado pelo disposto nos artigos 22, 23 e 24, relativos à educação moral e cívica, serviu de base à afirmação de que o governo estava organizando a educação segundo o modelo de ideologia fascista. A lei chegou até a fazer alusão à existência de uma Juventude Brasileira, à semelhança das Juventudes Nazista

e Fascista existentes então na Alemanha e Itália.⁵⁴

Especificamente, em sua Exposição de motivos para o decreto-lei nº 4.244, o próprio ministro Capanema escreveu em 1942:

O ensino secundário se destina à preparação das individualidades condutoras, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo. [...].

O estabelecimento de ensino secundário tomará o cuidado especial na educação moral e cívica de seus alunos, buscando neles formar, como base do patriotismo, a compreensão da continuidade histórica do povo brasileiro, de seus problemas e designios, de sua missão em meio aos povos. (...). Deverão ser desenvolvidos nos adolescentes os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência da responsabilidade. Os responsáveis pela educação moral e cívica da adolescência terão ainda em mira que é finalidade do ensino secundário formar as individualidades condutoras, pelo que força desenvolver nos alunos a capacidade de iniciativa e de decisão a todos os atributos fortes da vontade.⁵⁵

O GRUPO ESCOTEIRO PINDORAMA

A Juventude Brasileira era coisa do passado quando surgiu o terceiro grupo em Caçador, menos de duas décadas depois. A primeira turma do Grupo Escoteiro Pindorama⁵⁶ pertencia, basicamente, às turmas do curso de admissão e à turma da primeira série do Ginásio Aurora. O líder era o marista irmão Diogo, nome de batismo de Alexandre Câmpora, natural do Rio Grande do Sul. Ele já havia feito o curso de chefe escoteiro, naquele estado, em algum ano da década de 1940, juntamente com o irmão Nilo Tonet, o qual o assessorou direta e pessoalmente na organização do grupo em Caçador.

O grupo começou a se organizar durante o ano de 1960, com instruções de escotismo e reuniões preparatórias, inclusive com os pais dos “noviços”. A sala de aula da Admissão e onde o grupo se reunia nos sábados à tarde e domingos ficava nos fundos do térreo (que era de alvenaria) do prédio da velha construção com dois pavimentos de madeira. A tropa foi instalada a 3 de setembro de 1960.

Em outubro de 1962, começou o movimento dos Lobinhos⁵⁷ em Caçador. Em abril de 1963, por decisão da diretoria, foi adquirido o terreno e iniciada a campanha pró-construção da sede própria da tropa, à rua Marechal Deodoro (no outro lado da rua do Colégio). Para pagar o terreno e iniciar as obras, foram feitas campanhas na cidade, de rifas e de coletas de dinheiro e materiais, pelos escoteiros,

seus pais e os irmãos maristas. A sede, com o novo museu incluso, levou quase dois anos para ser construída. Uma grande festa popular marcou sua inauguração, em 8 de dezembro de 1964.

Com períodos de “altas” e “baixas” em sua composição, o Grupo Escoteiro Pindorama manteve-se em funcionamento desde então. A continuação desta história revela que foram empreendidas viagens a Joinville, Rio do Sul, Lages e excursões com participações em acampamentos regionais e nacionais. Realizaram-se novas investidas de noviços, ao mesmo tempo em que, atingindo a idade adulta, ou por outros motivos, integrantes deixaram o movimento. Alternaram-se as chefias, incorporaram-se os

lobinhos e as escoteiras. Em setembro de 2005, ao alcançar seu 45º aniversário, o grupo registrou a passagem de mais de trezentos jovens de ambos os sexos e de várias idades pelos seus quadros, chegando, nesta data presente, a contar com cem integrantes.

Conclusão

Acreditamos que, com este ensaio, possamos contribuir para as pesquisas em história das instituições escolares no Brasil. O breve estudo aqui apresentado dentro da temática de “práticas escolares”, tratando de uma organização de atividades extraclasse, complementares à formação humanista, poderá vir a animar outros pesquisadores, pois que, em Santa Catarina, em meados do século



Capa do livro didático *Educação moral e cívica*, (3. ed., São Paulo, Editora Nacional, 1979), da professora Lurdes de Bortoli Groth, de cunho nacionalista, com noções de moral e civismo através de atividades do movimento escoteiro

XX, diversos estabelecimentos de ensino adotaram e desenvolveram o movimento.

Nossa pesquisa em história da educação escolar na região do Contestado, iniciada em 2002 sob a orientação do prof. dr. José Luís Sanfelice, da Unicamp, tem se voltado também para os aspectos relacionados à “nacionalização do ensino”, fenômeno histórico ocorrido em Santa Catarina em dois momentos, o primeiro

no início do século XX e, depois, quando da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Justamente aí é que apareceram os indícios de problemas enfrentados pelo Movimento Escoteiro no Brasil, pelas similaridades com a organização clandestina da Juventude Hitlerista no Brasil – tema atraente para mais profundas investigações –, pela proximidade com o integralismo e pela junção ao movimento da Juventude Brasileira.

N O T A S

1. Lurdes Lúcia de Bortoli Groth, *Educação moral e cívica*: livro do professor, 3. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1979, p. 1 e 10.
2. Fundado nesta cidade em 3 de setembro de 1960, é considerado o 11º no estado de Santa Catarina e com atividades ininterruptas até hoje.
3. Fernando Bastos de Ávila, *Pequena enciclopédia de moral e civismo*, Rio de Janeiro, DNE/MEC, 1967, p. 196-197.
4. Consulta a www.escotismo.com.br. Acesso em julho de 2005.
5. Consulta a <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo>). Acesso em julho de 2005.
6. Tem-se também que, durante uma viagem pela Inglaterra, Baden Powell teria visto alguns meninos usando em suas brincadeiras o livro que ele havia escrito para exploradores do Exército, o qual continha ensinamentos sobre como acampar e sobreviver em regiões selvagens. Consulta a www.escotismo.com.br. Acesso em agosto de 2005.
7. Ver www.escoteiros.gov.br.
8. O primeiro reside em Caçador e o segundo, já falecido, era irmão do dr. Raymundo Faoro, autor de *Os donos do poder*, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, OAB nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, e que também estudou no antigo Ginásio Aurora.
9. No dia 12 de outubro de 1928, Dante e Albina Mosconi fundaram em Caçador o estabelecimento de ensino ao qual deram o nome de Colégio Aurora, implantando em casinhas de madeira os cursos elementar e complementar, nos moldes das escolas normais de Santa Catarina, e o comercial, seguindo a programatização do Instituto Comercial do Rio de Janeiro. Em seguida, criaram o curso ginasial.
10. Domingos Paganelli. Entrevista pessoal ao autor em setembro de 2005, em Caçador.

11. *A Imprensa*, 25 de junho de 1939, ed. nº 19.
12. Este grupo não nasceu no interior do Ginásio Aurora e nem funcionou no estabelecimento, como o anterior.
13. *A Imprensa*, 27 de agosto de 1939, ed. nº 28.
14. O marechal tinha um escravo alforriado, em sua fazenda, no interior de Minas Gerais, que veio a ser o pai do poeta catarinense João da Cruz Souza, mais conhecido como Cruz e Souza, jovem este que foi educado pela família do seu senhor e é dela que tomou o sobrenome Souza.
15. As “Bandeirantes” apareceram pela primeira vez em público no dia 4 de setembro de 1909. De vários lugares de Londres, patrulhas de meninas vestidas com uniformes semelhantes aos escoteiros, tendo inclusive lenço no pescoço, caminharam até o Palácio de Cristal onde, haviam ouvido, ia ser realizada uma demonstração técnica de escoteiros. Baden Powell estaria ali pessoalmente para observar as atividades dos rapazes e elas estavam ansiosas de poder convencê-lo a também fazer o mesmo com as escoteiras. O Movimento de Bandeirantes chegou ao Brasil no dia 30 de maio de 1919. Hoje, não existem mais com este nome; são denominadas de “Escoteiras”.
16. As organizadoras do grupo homenagearam a poetisa catarinense Delminda Silveira, de Florianópolis, contemporânea de Cruz e Souza, Virgílio Várzea e Luiz Delfino, expoentes da literatura estadual.
17. Até o fardamento era bem parecido, de camisa-blusa e calção (calça-curta) pardos, cinturão, meias longas de cor cinzas, sapato preto, lenço no pescoço.
18. Aurélio da Silva Py, *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*, 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1942, p. 262.
19. *Ibidem*, p. 263.
20. *Ibidem*, p. 268.
21. A Juventude Teuto-Brasileira tinha como objetivo preparar meninos para futuros *fuhrers* de grupos, em cursos especiais. Esses cursos eram feitos na Alemanha, razão pela qual viajavam seguidamente caravanas de 15 a 20 jovens, com despesas pagas pelo governo alemão. Para as meninas existia a *Bund Deutsches Auslands Madel*, com regulamento interno semelhante ao da Juventude Brasileira.
22. Antônio de Lara Ribas, O nazismo em Santa Catarina, in *O punhal nazista no coração do Brasil*, 2. ed., Florianópolis, DOPS/SC – Imprensa Oficial, 1944, p. 22-23.
23. Com a mais recente fase de democratização do país, com a liberdade de expressão, ultimamente o Movimento Integralista está ressurgindo em várias partes do Brasil e, em suas manifestações públicas, não esconde a simpatia pelo Movimento Escoteiro, inclusive elegendo Baden Powel um dos seus ídolos, como se observa em diferentes sites na Internet.
24. Armando Filho, O integralismo, São Paulo, Editora do Brasil, 1999, p. 39.
25. Rosa Maria Feiteiro Cavallari, O integralismo, São Paulo, EDUSC, 1999, p. 69, apud *Monitor Integralista*.
26. *Ibidem*, p. 61.
27. Héglio Trindade, Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30, São Paulo/Porto Alegre, Difusão Européia/UFRGS, 1974, p. 200.
28. *Ibidem*, p. 199, apud Berstein et Milza, *L'Italie fasciste*, Paris, Colin, 1970, p. 213-214.
29. Simon Schwartzman; Helena Maria Bousquet Bomeny; Vanda Maria Ribeiro Costa, *Tempos de Capanema*, Coleção Estudos Brasileiros, v. 18, São Paulo/Rio, EDUSP/Paz e Terra, 1984.
30. Este assunto está sendo mais investigado pelo autor, na sua pesquisa de tese para doutoramento.
31. Simon Schwartzman; Helena Maria Bousquet Bomeny; Vanda Maria Ribeiro Costa, op. cit.
32. Íris Barbieri, *A educação no governo de Vargas (1930-1945)*: com ênfase no ensino normal e na escola primária, tese de doutoramento, Osasco, Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, 2 v., mimeo., 1973. Biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas.

33. Com a Reforma Capanema, o ensino secundário, que se seguia ao ensino primário (cinco anos letivos), compreendia o ciclo ginasial (quatro anos) e o ciclo colegial (três anos).
34. Otaíza de Oliveira Romanelli, *História da educação no Brasil (1930-1973)*, 11. ed., Petrópolis, Vozes, 1989, p. 159.
35. Maria Luísa Santos Ribeiro, *História da educação brasileira: a organização escolar*, 17. ed., Campinas, Autores Associados, 2001, p. 148.
36. Curiosamente – ou coincidentemente? – a denominação “Pindorama” (que significa “região de palmeiras”) tem a ver com a “Vila de Pindorama” (Neu-Wuerttemberg) que, no Rio Grande do Sul, foi local do último acampamento escoteiro do grupo da “Juventude Teuto-Brasileira”, entre dezembro de 1937 e janeiro de 1938.
37. Em novembro de 1913, surgiu um projeto intitulado “Regras para escoteiros menores”. Com mudanças e emendas, em 1914 foi publicado o esquema para “Lobinho” ou “Jovem Escoteiro” que não era mais que uma forma modificada de adestramento de escoteiros. Em seguida, veio um manual próprio para os pequenos, de 7 a 10 anos de idade, abordando um método com características especiais.